

Da crise econômica mexicana, vem um aviso para o Brasil

James Brooke

CORREIO BRAZILIENSE

Depois do México, que outro importante país latino tem a moeda supervalorizada, crescente apetite por importados e um novo presidente?

O Brasil.

"O México é um aviso aos brasileiros para que não brinquem com uma taxa de câmbio supervalorizada", disse Ernane Galvêas, ministro da Fazenda no início dos anos 80. "Estamos desperdiçando os últimos excedentes de exportação que construímos na década de 80".

Onda de importações, excedente comercial minguante e nervosismo diante da dura desvalorização do peso mexicano podem testar as políticas financeiras de Fernando Henrique Cardoso, que foi empossado no domingo como novo presidente brasileiro. Mas alguns especialistas em comércio argumentam que as semelhanças são superficiais. Segundo eles, o Brasil está em muito melhor forma para absorver bens estrangeiros. (...)

Armados com uma nova e mais forte moeda, o real, e amparados por muito menos restrições de importação, os brasileiros dobraram suas importações mensais este ano. Em novembro, o Brasil registrou seu primeiro déficit comercial mensal desde 1987, e o maior desde 1980. (...)

Acima de tudo, o Brasil terminou 1994 com um excedente comercial de US\$ 11 bilhões, mas economistas prevêem que o excedente cairá mais da metade este ano. Levando em conta o pagamento e as remessas de dinheiro da dívida externa brasileira, o déficit das contas correntes do país — diferença entre o que entra na forma de exportações e o que é pago por importações e juros da dívida externa — deve subir para US\$ 10 bilhões este ano, dos US\$ 1 bilhão em 1994. (...)

Mas alguns especialistas comerciais argumentam que o Brasil é muito menos vulnerável a uma crise pois, em contraste com o México, sua economia não é apenas maior, como também mais forte. "O déficit atual das contas correntes no Brasil equivale a menos de 2% do PIB — e é facilmente financiado por empréstimos estrangeiros", disse Alden Brewster, um sócio nova-iorquino do Banco Itaú, importante banco de investimentos do Brasil.

No México, onde o déficit comercial chegou a US\$ 30 bilhões, autoridades mexicanas foram forçadas a desvalorizar o peso, e o novo presidente, Ernesto Zedillo Ponce de León, impôs medidas de austeridade. O Brasil, por outro lado, tem reservas suficientes para cobrir 16 meses de importações, o que deixa espaço para manobras.

Além disso, o Brasil possui um imenso mercado de exportação para os norte-americanos. De acordo com recente pesquisa pela firma de contabilidade Arthur Andersen, 77% dos executivos de comércio estrangeiro entrevistados citaram o Brasil como que oferece

as melhores oportunidades comerciais nas Américas, fora da América do Norte. (...)

"O Brasil surge como uma de nossas maiores prioridades para aprofundar as relações comerciais com os grandes mercados emergentes", disse Jeffrey E. Garten, subsecretário norte-americano de Comércio para Negócios Internacionais, numa entrevista pelo telefone em Washington. "Estamos determinados a desenvolver laços comerciais muito além do que têm sido nas décadas recentes".

Garten tem visita marcada para o Brasil em fevereiro, e o secretário de Comércio Ronald H. Brown, em março. (...)

O transporte aéreo de cargas dos Estados Unidos para o Brasil subiu 50% desde 1º de julho, quando o Brasil adotou a iniciativa antiinflacionária conhecida como Plano Real. (...)

Para facilitar a entrada de produto estrangeiros, autoridades brasileiras planejam abolir em abril o sistema de licenças de importação que está em vigor desde 1948. Nos últimos 15 anos, o governo aboliu um índice de três mil produtos importados barrados por que ameaçavam indústrias brasileiras. Também cortou o imposto médio sobre importações para 12%, de antigos 88%.

"Até recentemente, o Brasil era tão fechado quanto a Albânia ou o Tibet", disse a revista semanal *Veja*, a respeito das recentes iniciativas do governo para reduzir barreiras tarifárias. (...)

A explosão do crescimento das importações foi amortecida pelo disparo da economia brasileira. O crescimento industrial foi de 6,4% em 1994, um dos mais altos níveis desde o início dos anos 70.

Embora a importação de automóveis tenha chegado aos 190.000 no ano passado, quase o triplo do nível de 1993, os fabricantes brasileiros de carros calaram suas reclamações pois operaram numa capacidade limite, produzindo o número recorde de 1,7 milhão carros. E a produção interna de brinquedos subiu 18% neste Natal, embora empresas estrangeiras tenham tomado 10% do mercado brasileiro.

E apesar do volume das vendas de Natal ter subido 50% no mês passado, a inflação mensal brasileira desceu 2% em dezembro.

"É um verdadeiro engano: olhar apenas para as cifras comerciais e dizer que alguma coisa deu errado", disse Garten, do Departamento de Comércio. "As importações ajudarão na luta antiinflacionária".

Na realidade, petróleo, materiais brutos, e os maquinários e equipamentos de fábricas correspondem a 75% das importações brasileiras.

* Principais trechos

■ Correspondente do *The New York Times* no Brasil

06 JAN 1995